

# Berta Gleizer Ribeiro: da militância ao afeto, o percurso de uma antropóloga

ELLEN CRISTINE MONTEIRO VOGAS

## RESUMO

O artigo é produto de pesquisa documental realizada para organizar o Arquivo da antropóloga Berta Gleizer Ribeiro e tem a finalidade de dar a conhecer momentos do percurso da antropóloga, focalizando de modo especial sua correspondência que permitiu visibilizar as redes de colaboração que manteve com intelectuais ao longo de sua trajetória. Na primeira parte, apresenta-se um breve resumo de sua biografia para, a seguir, discutir os arquivos pessoais como vestígios de si e dos outros e apresentar o arquivo de Berta Gleizer Ribeiro. Na segunda parte, foca-se a outra face da experiência de campo – da militância ao afeto ou do afeto à militância – e apresentam-se as considerações finais.

**Palavras-chave:** Arquivos de Antropologia, Redes de colaboração, Pesquisa documental

## ABSTRACT

This article is the product of a documentary research undertaken to organize the Archive of the anthropologist Berta Gleizer Ribeiro and has the purpose of publicizing moments of the anthropologist's trajectory, focusing in particular on those letters of hers that allowed to identify the cooperative networks she kept with other intellectuals throughout her career. In the first part, a brief summary of her biography is provided, followed by a discussion of her personal archives as vestiges of herself and others, and a presentation of the Berta Gleizer Ribeiro's archive. In the second part, the other face of the field experience is examined: from militancy to affection or from affection to militancy, and final considerations are then made.

**Keywords:** Anthropologist – archives - Cooperative networks - Documentary research

## APRESENTAÇÃO

Debruçar-se sobre a documentação reunida por Berta Gleizer Ribeiro e abrigada no Memorial Darcy Ribeiro, *campus* da Universidade de Brasília, onde também repousam os documentos acumulados por Darcy, seu marido, permite-nos perceber a sua profícua atividade profissional e as redes de relações que estabeleceu com diversos intelectuais de seu tempo, amigos do casal que ela acabou por cativar e aqueles feitos por ela mesma ao longo de sua trajetória. É sua correspondência — extensa — que permite flagrar essas redes de colaboração que manteve com diversos parceiros e a capacidade que tinha de somar ao trabalho de antropóloga a preocupação com ecologia e o destino dos índios. Berta soube agregar valor a tudo que fez: do estudo antropológico da cultura material indígena passou à elaboração de exposições museológicas, à produção de filmes etnográficos, ao auxílio dos índios Dêsana na publicação de um livro e, também, ao papel de mediadora entre instituições nacionais e internacionais para divulgação da cultura material indígena que ela tanto amou. No entanto, antes de passarmos a descrever alguns exemplos dessas articulações, convém apresentarmos um resumo de sua biografia e as características do arquivo que constituiu.

## UMA VIDA DEDICADA A CAUSAS

Berta Gleizer nasceu em 2 de outubro de 1924, numa Romênia agitada por perseguições anticomunistas e antisemitas. Em 1930, logo após o suicídio da mãe, ela e a irmã, Jenny, foram trazidas para o Brasil pelo pai que, sindicalista e judeu, fugia da dupla perseguição que sofria. Em 1935, Jenny foi presa e extraditada<sup>1</sup> sob a acusação de organizar o Primeiro Congresso da Juventude Proletária e Estudantil de São Paulo, mas conseguiu escapar na França, auxiliada por operários do navio em que estava e por membros do Partido Comunista. Motel Gleizer, o pai, que saíra do Brasil em sua busca, foi preso e morto em um campo de concentração. Berta ficou órfã, sob a guarda do Partido Comunista Brasileiro, vivendo em casas de militantes, até começar a trabalhar e alugar um quarto para si. Conheceu Darcy Ribeiro durante um comício ocorrido na cidade de São Paulo, em 1945, e começaram a namorar. Nessa época, ele era aluno de graduação na Escola de Sociologia e Política, enquanto ela trabalhava como datilógrafa. Casaram-se três anos depois. Ao acompanhá-lo em expedições a tribos indígenas, ela deu os primeiros passos na sua futura profissão.

Nos anos seguintes, colaborou com Darcy na organização dos dados, bem como na redação do livro deste sobre arte, religião e mitologia dos índios Kadiwéu. Nesses mesmos anos, graduou-se em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, atualmente Universidade do Estado do Rio de Janeiro<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> “O *Caso Genny Gleizer*, como ficou conhecido, é mencionado por historiadores que estudam o Estado Novo e sua declaração política antisemita e anticomunista, reforçada pelo movimento integralista e seus ideólogos, como Plínio Salgado. Acusada de subversão pelo Governo Vargas, Jenny passou por várias prisões, e seu caso mobilizou a opinião pública por ela ser menor de idade e por ter sofrido torturas físicas e psicológicas”. VIANA, Rachel. Fazimentos, n. 9, Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

<sup>2</sup> Esta Universidade do Distrito Federal (UDF) não deve ser confundida com outra anterior, homônima, fundada em 1935, em projeto de Anísio Teixeira, e extinta em 1939 (MENDONÇA, 2000).

Em 1953, começou a trabalhar no Museu Nacional na função de estagiária. Fixou-se, então, no estudo da cultura material indígena e no tratamento e conservação da coleção deste museu. Publicou, ao longo de sua vida, vários trabalhos nesse campo, a começar por um estudo da arte plumária em colaboração com Darcy Ribeiro – *Arte Plumária dos Índios Kaapor* –, premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Em 1958, demitiu-se do Museu Nacional e mudou-se para Brasília, onde colaborou com Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão no planejamento e implantação do departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Em 1964, foram obrigados a se retirar do país diante das novas condições políticas. Amargaram, como muitos brasileiros, um longo período de diáspora, durante o qual Darcy escreveu a maior parte de seus livros. A dedicação de Berta está presente em cada um deles. Foi ela quem datilografou os originais a partir dos manuscritos e da letra ilegível do marido, fez fichamentos e traduções de livros e artigos e cuidou da correspondência. A colaboração entre os dois no campo profissional era tanta que Enio Silveira, editor da Civilização Brasileira, os chamava de *Índio e Escrava branca*<sup>3</sup>.

Viveram exilados no Uruguai, Chile, Peru e Venezuela. Em 1973, Berta iniciou o mestrado em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de Lima, que não chegou a concluir devido a seu regresso ao Brasil.

Berta Gleizer Ribeiro se tornou antropóloga ao acompanhar os passos do marido e lhe auxiliar nas pesquisas e na redação dos textos. Sua carreira, no entanto, só vai deslanchar quando eles se separam e ela se dedica a construir uma carreira própria, bastante profícua, quando já contava com mais de quarenta anos. Essa singularidade, em relação a outras antropólogas casadas com antropólogos, torna-se evidente com a leitura do trabalho de Marisa Corrêa:

(...) ao refletirmos sobre a notoriedade retrospectiva de Lévi-Strauss e ao “esquecimento” de Dina, começamos a nos perguntar o que tinha sido feito das pesquisadoras nessa história – personagens ainda mais secundárias do que os exemplos mencionados na extensa correspondência de Pierson. Salvo poucas exceções, elas aparecem, naquele momento, como *esposas* – a esposa de Donald Pierson, a esposa de Charles Wagley, a esposa de David Maybury-Lewis, a esposa de Darcy Ribeiro, a esposa de Eduardo Galvão, a esposa de Robert Murphy, a esposa de Charles Watson... a lista certamente poderia continuar. Todas elas adotaram o nome do marido ao casar, a ponto de ser muito difícil redescobri-las com seu próprio nome, mesmo quando descasadas, como no caso de Dina. Todas estiveram no campo e parecem ter sido auxiliares de pesquisa inestimáveis, segundo os relatos de seus próprios maridos. Só em poucos casos, no entanto, deixaram esse papel de auxiliares – caso de Yolanda Murphy, por exemplo (...) (CORRÊA, M., 2003, p.21-22).

<sup>3</sup> A extensa correspondência ativa e passiva do casal com Ênio Silveira, editor e proprietário da Editora Civilização Brasileira, integra o dossiê DR e ed 1956.06.22. Além das cartas, inclui contratos de edição e prestação de contas dos direitos autorais de diversos livros de Darcy publicados por esta editora. Nas cartas que escreve, Berta se refere ao marido como Índio. Ênio os trata por Índio e Escrava Branca, numa brincadeira que alude à dedicação de Berta ao marido.

De volta ao Brasil, em 1974, Berta trabalhou na Editora Paz e Terra, realizando atividades de programação, editoração, revisão e preparo de textos. Como desejava retomar os estudos na área da Antropologia, solicitou, em 1976, bolsa de pesquisa ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq para desenvolver o projeto “*A arte do trançado dos índios do Brasil*”. Nesse período, retornou aos estudos no curso de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, que concluiu em 1980, defendendo a tese “*A civilização da palha: a arte do trançado dos índios do Brasil*”. Nessa tese, iniciou a elaboração de uma taxonomia das técnicas e formas do acervo cesteiro dos índios brasileiros. Segundo a própria titular, esse objetivo pôde ser plenamente atingido com a elaboração do seu *Dicionário do Artesanato Indígena* (1988). Para a realização da pesquisa que deu origem à tese, ela visitou o Parque Nacional do Xingu em agosto de 1977, entrando em contato com as tribos Yawalapiti e Txikão, no sul do parque, e com os Kayabi, ao norte. Viajou também a Aracati, no Ceará, para observação da confecção do trançado sertanejo da palha de carnaúba.

Em 1978, realizou expedição aos afluentes do Rio Negro (rio Uaupés e Tiquié) e do Rio Içana (Rio Aiari) para estudar o trançado indígena. Durante sua estada nessa aldeia, Berta ajudou dois índios Desána (Tolamán Kenhirí e Umúsin Panlón Kumu) a darem redação definitiva a um conjunto de mitos que se tornou livro em 1980 (*Antes o mundo não existia*). Nesse período, participou também do Movimento Feminino pela Anistia e da Campanha pela Demarcação das Terras Indígenas, coordenada pelo Conselho Indigenista Missionário – Cimi. De 1976 até 1985, Berta foi assessora e pesquisadora, juntamente com outros antropólogos, do projeto “*Etnologia e Emprego Social da Tecnologia*”, iniciado a partir de um convênio entre a Financiadora de Estudos e Projetos - Finep e o Museu Nacional.

Em 1981, visitou as aldeias dos índios Asurini e Araweté com o médico e fotógrafo Frederico Ribeiro. Como resultado dessa viagem, eles produziram os documentários *Asurini: fuso e fio*, *Asurini: barro e corpo*, *Araweté: técnicas primitivas* e *Araweté: a índia vestida*, integrantes do projeto *Artes têxteis indígenas do Brasil*, do Museu Nacional/UFRJ, de 1982, que conquistou o segundo lugar na categoria filmes em videocassete no XV Festival do Filme Científico do Rio de Janeiro.

Berta também coordenou, em 1983, a exposição *Cultura indígena do Brasil*, parte do projeto *Inventário do acervo etnográfico brasileiro na Itália*, promovido pela Fundação Roberto Marinho, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo e pela *Soprintendenza Archeologica di Roma*, da qual resultou um catálogo geral, uma exposição e um livro: *A Itália e o Brasil Indígena*. Nesse ano, conquistou o primeiro lugar no concurso “Ano Interamericano do Artesanato”, promovido pelo Instituto Nacional do Folclore/Funarte para o trabalho *Artesanato indígena: para quê, para quem?*.

Entre maio e novembro de 1985, coordenou o setor de museologia do Museu do Índio, como contratada. Dois anos depois passou a integrar o corpo docente — como professora visitante — da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no âmbito do mestrado em História e Crítica da Arte. Retornou ao Museu Nacional, em

setembro de 1988, como professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, tornando-se também bolsista do CNPq por ter obtido o primeiro lugar no concurso público para este cargo. Foi professora visitante na Universidade de Campina Grande, na Paraíba, na Universidade Católica de Goiás, no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro e na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - Flacso, em Quito, no Equador.

Além de Antropologia, lecionou nas áreas de Museologia e Etnobiologia. Ao longo de sua vida, Berta organizou várias exposições, dentre elas *Amazônia: Urgente: cinco séculos de história e ecologia*, montada em Brasília, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Pará, da qual resultaram os catálogos de mesmo nome, com edição em inglês e em português, e pela qual recebeu o Prêmio Nacional de Ecologia, conferido pelo CNPq. Também organizou as exposições *Os índios das águas pretas: uma área cultural do noroeste do Amazonas; Arte plumária do Brasil; Meios de comunicação e culturas pré-industriais; Mostra comemorativa do primeiro centenário da exposição antropológica de 1882; Brasilidades: Amazônia e a França;* e ainda *Mito e morte no Amazonas*.

Em 1994, participou da formulação conceitual dos desenhos animados integrantes da série *Mito e morte no Amazonas*, baseado em mitos Desâna e desenhados por Feliciano Lana. A série compõe-se de três curtas animados: *Gaín Pañan e a origem da pupunheira; Bali Bó;* e *O começo antes do começo*. Dos três, apenas foi concretizado o primeiro. Em 1995, recebeu a medalha de Comendadora da Ordem do Mérito Científico, conferida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia em sua própria casa, uma vez que o câncer instalado em seu cérebro, já avançado, a impedia de viajar.

Berta entrou em coma no final do ano de 1995, quando terminava os originais do livro *Índios do Brasil: 500 anos de resistência*, encaminhado por Darcy Ribeiro à editora UnB. Esse livro era também o guia do Memorial dos Povos Indígenas do Brasil, que sucedeu o Museu do Índio de Brasília. O primeiro projeto de exposição elaborado por Berta Ribeiro para esse Museu recebeu o nome de “*Índios do Brasil: cultura e identidade*” e era destinado a guiar a exposição que seria montada no prédio desenhado por Oscar Niemeyer em modelo de oca Yanomami. Esse prédio, construído no final da década de 1980, acabou destinado a um Museu de Arte Moderna. Já na década de 1990, outro projeto arquitetônico foi elaborado, também por Oscar Niemeyer, e Berta adaptou seu guia para uma nova exposição, à qual deu o nome de *Índios do Brasil: 500 anos de resistência*. Em novembro de 1997, Berta faleceu.

## ARQUIVOS PESSOAIS COMO VESTÍGIOS DE SI E DOS OUTROS

Antes de apresentarmos as características do arquivo pessoal de Berta Gleizer Ribeiro, convém atentarmos para algumas das representações em torno desses artefatos.

Os arquivos são definidos como “conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte

da informação ou a natureza dos documentos”<sup>4</sup>. Independentemente de sua natureza — pública ou privada, institucional ou pessoal —, os arquivos servem a tantas finalidades e diferentes usos (administrativo, histórico, jurídico e cultural) porque conservam um tipo de conhecimento único que resulta das atividades que os geraram e fornecem indícios, vestígios e provas para conclusões relativas a essas atividades e às situações que as geraram (DURANTI, 1994, p. 2-3). Dentro da literatura da área, os arquivos pessoais são normalmente apresentados como distintos dos institucionais, pois nascem sob o signo da informalidade, enquanto os arquivos institucionais são construídos a partir de determinadas regras burocráticas:

Na realidade, entre o obrigatório, o prudente / útil e o sentimental (e sem falar do inútil, que seria toda uma outra história), encontra-se de tudo em um arquivo pessoal. Essa característica especial é a que o faz tão distinto dos arquivos institucionais, sejam dos órgãos públicos, sejam de entidades privadas, onde há regras burocráticas, técnicas, jurídicas e diplomáticas e semânticas de produção, redação, acesso e trâmite, que são etapas pré-arquivísticas. (BELLOTTO, 2007, p. 2).

Dentre as motivações para “arquivar a própria vida”, em primeiro lugar, está a “injunção social”. Para estarmos integrados à sociedade em que vivemos e sermos reconhecidos pelos órgãos oficiais como cidadãos, temos obrigação de produzir e armazenar determinados documentos que são registros oficiais. Ao lado desses papéis, acumulam-se outros, que podem ser resultantes de uma atividade profissional, correspondência pessoal, fotografias de família, recortes de jornais com matérias que interessaram ao titular, entre diversas outras possibilidades. Esses papéis constituirão um arquivo pessoal que pode ser revestido de importância social, dependendo da notoriedade alcançada pelo titular do arquivo ou por seu trabalho no espaço público, seja ele regional ou nacional (ARTIÉRES, 1998).

No entanto, convém ter atenção, como apontou Heymann (1997), para não tomar o arquivo pessoal como um retrato fiel da trajetória de seu titular, a partir do qual se poderia buscar reconstituir todas as atividades desenvolvidas por ele. Conserva-se apenas uma parte destes vestígios, seja pela perda acidental ou ainda por triagens pessoais ou de terceiros. Além disso, deve-se atentar para o fato de que o conjunto de documentos acumulados por uma pessoa constitui-se de documentos produzidos por ele, mas também documentos que foram apenas guardados e/ou retidos por ele. É por isso que a ênfase é dada na acumulação, e não na produção documental, porque o titular não produz tudo aquilo que integra o conjunto. O fundo de papéis privados encontra sua organicidade naquele que acumulou não apenas como reflexo das atividades desenvolvidas, mas como representação de seus interesses ou de eventos que lhe interessaram. É, portanto, em torno do produtor que a documentação orbita.

<sup>4</sup> Lei 1.991, 8.159, de 08 de janeiro de 1991, capítulo 1, artigo 2º.

A organização dada aos seus arquivos pelos titulares pode ser buscada na relação que esses têm com o mundo à sua volta e nas respostas que essa documentação pode ou deve fornecer de si para o público. O ordenamento dado aos papéis, bem como a seleção desses de um universo específico de documentos que tenha passado por suas mãos, varia de pessoa para pessoa. Nesse sentido,

os registros sob qualquer forma nos oferecem, em primeiro lugar, testemunhos de nossas interações com os outros, no contexto de nossas próprias vidas e do lugar que ocupamos nas deles — são provas de ‘nossa existência, de nossas atividades e experiências’ (McKEMMISH, 2013, p. 24).

A correspondência, nos arquivos pessoais, pode revelar as redes de sociabilidade das quais o titular participa. Através dela, as pessoas trocam ideias e afetos, constroem projetos mútuos ou discutem planos opostos, estabelecem pactos ou polêmicas e organizam ações (VENANCIO, 2001, p. 32).

Nesse artigo, propomos um passeio pela correspondência de Berta Gleizer Ribeiro, guiado pela tríade “cultura material - índios - museus”, no sentido de tornar manifestas as possibilidades que os arquivos pessoais de antropólogos oferecem à investigação em diferentes linhas de pesquisas. Conforme assinalado por Souza (2013), quando da análise do arquivo do antropólogo Marcos Magalhães Rubinger, os arquivos pessoais de antropólogos são campos de possibilidades para estudos que vão desde a história da antropologia (ensino e pesquisa), à institucionalização da disciplina — “ambientes intelectuais de momentos diversos da institucionalização”, bem como aqueles oriundos de interesses etnográficos propriamente ditos, graças aos diários de campo presentes nesse tipo de arquivo. Além desses casos, o arquivo pessoal de antropólogos contém também parcelas de memória das sociedades indígenas estudadas na forma de entrevistas gravadas, fotografias, filmes e correspondência. No caso do arquivo pessoal de Berta Gleizer Ribeiro, a documentação revela também como o envolvimento afetivo dela com as populações estudadas se desdobrou em ações e projetos coletivos, não apenas com os próprios índios, mas também com colegas de profissão que compartilharam seu afeto.

## O ARQUIVO DE BERTA GLEIZER RIBEIRO

O arquivo constituído por Berta oferece uma visão ampliada de sua atividade profissional se comparamos essa documentação com os eventos narrados, por exemplo, em seu *curriculum vitae*. Registre-se uma exceção à escassa documentação referente aos cursos de graduação e mestrado, provavelmente em consequência das inúmeras mudanças de residência a que o casal esteve submetido por força das circunstâncias políticas.

Essa documentação, bem como a biblioteca, foi reunida e incorporada ao patrimônio da Fundação Darcy Ribeiro após o falecimento de Berta. Em 2006, iniciou-se a higienização e identificação preliminar desse arquivo. Recursos financeiros oriundos da Fundação



de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj permitiram digitalizar os documentos iconográficos, em 2007, e a colaboração financeira do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, em 2009, permitiu finalizar sua organização. Neste mesmo ano, os arquivos pessoais de Berta Gleizer Ribeiro e Darcy Ribeiro foram declarados de *Interesse Público e Social*<sup>5</sup> pela Presidência da República, após parecer favorável do Conselho Nacional de Arquivos.

Integram o arquivo da antropóloga agendas, correspondência, fotografias e documentos referentes à sua vida privada, mas também e, principalmente, os documentos resultantes de sua atividade profissional. São relatórios, projetos, textos, fotografias, desenhos, documentos sonoros, audiovisuais e correspondência que retratam sua trajetória, desde o período em que, casada com Darcy Ribeiro, o assessorou com seus escritos e publicações até o final de sua vida. A sua documentação, e também a reunida por ele, dá provas da extensa colaboração que permaneceu mesmo após o término do casamento, ocorrido em 1974.

Em meados da década de 1980, Berta organizou três volumes da *Suma Etnológica Brasileira*, contando com a colaboração de Darcy, além da exposição *Arteíndia*, sob os auspícios da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro e da exposição *Amazônia urgente*, para a qual ele ajudou a obter financiamento. A complementaridade dos arquivos, mas também as ligações intelectuais e afetivas que mantiveram até o fim da vida, podem explicar por que Darcy, tantos anos após a separação, incluiria como patrimônio da Fundar o arquivo e a biblioteca de Berta. Não só os arquivos se complementam, como, muitas vezes, é difícil delimitar o que estava em poder de um ou de outro, já que alguns documentos parecem ter se misturado na própria Fundação. Para publicar o livro *Diários Índios: os Urubu-Kaapor*, por exemplo, Darcy solicitou a Berta as transcrições que ela havia feito dos originais, pois esse livro é resultado dos diários de campo produzidos durante a expedição àquela aldeia, que foram escritos em forma de cartas a ela.

A organização dada por Berta a seus papéis reflete seu *élan* classificatório, tornado evidente na escolha de seu tema de pesquisa — o estudo e classificação da cultura material indígena — e nos seus desdobramentos: elaboração de exposições e estudos sobre museus. A trajetória de Berta pode ser recuperada a partir de seus textos e seu currículo, mas é a correspondência produzida e acumulada por ela que permite “flagrar” os atalhos que percorreu, bem como os auxílios e dificuldades que encontrou pelo caminho, as redes de sociabilidade que ela criou e alimentou constantemente e a sua preocupação com o destino das populações estudadas. A correspondência tanto cria quanto mantém uma rede de relações pessoais, sociais e políticas, pois estabelece uma relação:

É, portanto, uma via de mão dupla, um ir e vir entre uma intenção anunciada, uma espera ansiosa e uma resposta que tem por função principal o restabelecimento do início do processo. (VENANCIO, 2001, p.23-24).

<sup>5</sup> O decreto presidencial em questão foi publicado no dia 21 de janeiro de 2009 e está de acordo com a Lei 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que trata dos arquivos públicos e privados, no seu artigo 12: “Os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional”.



A organização dos documentos de Berta buscou preservar a ordem dada por ela, dentro de um quadro de arranjo que pretendeu reconstituir sua trajetória e múltiplas atuações. Não cabe no escopo desse artigo problematizar os objetivos de Berta para com o seu arquivo, mas vale a pena assinalar a preocupação que tinha em deixar organizado e registrado cada passo de sua atividade profissional e do seu esforço em tornar manifestas intenções e articulações através de um volume considerável de cópias da correspondência ativa.

O arquivo foi organizado nas seguintes séries e subséries:

**Atividades acadêmicas:** reúne os documentos que retratam suas atividades em instituições de ensino e pesquisa, a participação em congressos e encontros de especialistas e os contatos com seus pares. Os documentos foram reunidos em 100 dossiês por assunto e/ou espécie, ordenados cronologicamente e agrupados nas seguintes subséries: Docência, Contatos acadêmicos e Congressos.

**Atividades de pesquisa:** reúne a documentação produzida e acumulada no exercício das suas atividades de pesquisa, vinculada ao Museu Nacional e ao CNPq, os diários produzidos nas expedições científicas às aldeias indígenas, bem como material produzido e utilizado como referência para estudo. Inclui também documentos diversos ligados a projetos para os quais não conseguiu apoio a fim de que fossem realizados. Os documentos foram reunidos em 67 dossiês por assunto e/ou espécie, agrupados nas seguintes subséries: Expedições, Projetos, CNPq, Museu Nacional.

**Atividades editoriais:** reúne documentos referidos a sua experiência profissional na editora Paz e Terra, a sua participação nos conselhos editoriais da revista *Ciência Hoje* – publicação da SBPC –, das revistas *Ciências em Museus* e *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, e como membro da comissão editorial do Museu Paulista. Inclui os agenciamentos feitos por Berta Ribeiro para edição em português e em espanhol do original em alemão de Theodor Koch-Grunberg e dos livros de Angel e Carlos Rama e documentos relativos à publicação dos livros da *Suma Etnológica Brasileira*.

**Consultorias:** reúne documentos relativos às consultorias *ad hoc* para a Sociedade Geográfica Nacional de Washington, a *Wennergren Foundation for Anthropological Research*, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro, a Sociedade Arqueológica Nacional e a Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal. Retrata, ainda, a função de avaliadora (*referee*) dos projetos de Julio Cesar Melatti, de Darrel Posey e de Katharine Vasser Milton, a sua participação na Comissão Julgadora do III Concurso ABA/Ford e a assessoria prestada ao Programa Piloto para conservação das florestas pluviais brasileiras (Programa G-7), integrante das pesquisas sobre Ecossistemas Amazônicos financiado pelo Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento - Bird.

**Exposições:** reúne os documentos relativos às exposições “Os índios das águas pretas: uma área cultural no noroeste do Amazonas”, exposição da coleção de artefatos e desenhos indígenas reunidos por Berta Ribeiro durante o trabalho de campo realizado em 1978 nas aldeias dos índios Tukano, Desâna e Baniwa dos rios afluentes do Alto Rio Negro;

“*Índios del Brasile: culture che schompaiono*”, montada no Museu Luigi Pigorini, em Roma, parte do projeto “Inventário do acervo etnográfico brasileiro na Itália”, promovido pela Fundação Roberto Marinho, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo e pela *Soprintendenza Archeologica di Roma*; e “*Amazônia Urgente: cinco séculos de história e ecologia*”, montada em Brasília, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Pará, da qual resultaram os catálogos de mesmo nome, com edição em inglês e em português, e pela qual recebeu o Prêmio Nacional de Ecologia, conferido pelo CNPq. A série inclui, ainda, cartas endereçadas a Berta Ribeiro solicitando artigos e fotos, bem como auxílio para obter, por empréstimo, desenhos em guache dos índios Desâna Feliciano e Luiz Lana.

**Filmes:** reúne os documentos relativos à produção dos documentários integrantes da série “Artes têxteis indígenas”, filmada por Frederico Ribeiro durante expedição em que este acompanhou Berta Ribeiro às aldeias dos índios Asuriní e dos índios Araweté, bem como os documentos relativos ao projeto de edição dos curtas em animação integrantes da série “Mito e morte no Amazonas”, compostas por *Gaín Pañan e a origem da pupunheira*, *Bali Bó* e *O começo antes do começo*.

**Formação acadêmica:** reúne alguns documentos referentes a sua formação acadêmica no Peru (mestrado), no Museu Nacional (estágio) e na Universidade de São Paulo (doutorado). Inclui ainda os documentos produzidos e acumulados como parte de seus estudos. Essa série está dividida em quatro subséries: Museu Nacional, Subsídios de Estudos, Mestrado e Doutorado.

**Militância:** reúne documentos referentes a sua participação na campanha de ajuda aos desempregados de Brasília, promovida pela Casa Candango; ao Movimento Feminino pela Anistia; a sua participação como membro do conselho diretor da Fundação Mata Virgem, bem como a correspondência diversa sobre indigenismo e ecologia.

**Museus:** retrata a relação interdisciplinar que Berta Ribeiro mantinha com a área da Museologia, como demonstram também os diversos artigos que escreveu sobre o tema. Reúne correspondência com profissionais da área e com diretores e curadores de museus do Brasil e do mundo; documentos referentes a sua atividade como chefe do setor de museologia do Museu do Índio, no Rio de Janeiro; documentos relativos aos projetos formulados por ela para o Museu do Índio de Brasília, posteriormente chamado de Memorial dos Povos Indígenas; e documentos relativos à criação de museus diversos.

**Produção intelectual:** reúne os originais de livros, artigos, resenhas, relatórios e outros “escritos” de autoria da titular, bem como grande volume de documentos de autoria de terceiros, pessoas que enviaram seus trabalhos a Berta Ribeiro para sua apreciação ou que ela acumulou ao longo dos anos.

**Publicações:** reúne os documentos relativos às publicações de livros e artigos da titular, tais como contratos de edição, correspondência e recibos. Inclui ainda cartas de terceiros agradecendo o envio de livros por Berta Ribeiro, convites para a titular participar de coletâneas e escrever artigos para revistas. Inclui as cartas que contêm elogios às suas obras.

**Recortes de jornal:** reúne os recortes de jornal recolhidos por Berta Ribeiro ao longo de sua vida pessoal e profissional. Retratam as suas áreas de interesse, tais como índios, indigenismo, museus e museologia, ecologia e política. Inclui recortes sobre Darcy Ribeiro.

**Vida privada:** agrupa documentos identitários, certidões e diplomas, aqueles relativos a sua saúde, à economia doméstica e à administração dos imóveis, bens e contas bancárias. Há também documentos relativos ao desquite do casal, à aposentadoria dela, agendas e anotações pessoais, bem como correspondência com familiares e amigos.

**Fotografia:** imagens que, em sua maioria, destinavam-se à ilustração das publicações, exposições e da tese de doutoramento de Berta Gleizer Ribeiro, além de fotografias dos seus trabalhos de campo e de desenhos indígenas colhidos nestas ocasiões. Há, ainda, imagens de trabalhos de campo de outros antropólogos, de museus, de coleções e de sua vida pessoal. Foi organizada nas seguintes subséries: Arqueologia, Desenhos indígenas, Exposições e publicações, Família Lana, Índios, Índios do Alto Rio Negro, Vida Pessoal, Trabalho de campo, Museus.

**Áudio:** reúne gravações feitas por Berta Ribeiro em suas expedições científicas às aldeias indígenas Desâna, Asurini, Araweté e Ararawa.

**Vídeo:** reúne entrevistas concedidas pela titular a emissoras de televisão por ocasião da montagem da exposição Amazônia Urgente; os documentários integrantes do projeto “Artes Têxteis Indígenas”, filmados por Frederico Ribeiro; e o curta em animação “Gain Panã e a origem da pupunheira”.

## DA MILITÂNCIA AO AFETO OU DO AFETO À MILITÂNCIA: OUTRA FACE DA EXPERIÊNCIA DO CAMPO

Berta soube que dois índios haviam escrito a mitologia Desâna por intermédio de Renato Athias<sup>6</sup>, em 1978, ainda durante o voo que a conduzia para a aldeia, em São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas. Segundo esse informante, Umúsin Panlón Kumu e seu filho, Tolamán Kenhíri (Luiz Lana), foram estimulados por um padre da Missão Salesiana de São Gabriel da Cachoeira a passar para o papel a mitologia, fato relatado por ela em *Etnotexto: 15 anos de 'Antes o mundo não existia'*. Os originais foram devolvidos pela editora no mesmo período em que Berta se encontrava no campo e ela ajudou os índios a reformularem o texto de forma a conseguir sua publicação:

[disse a eles que o texto] tinha erros de português, trechos mal redigidos, palavras em desâna e nheengatu (língua geral falada no Rio Negro) não explicitadas. E que faltavam desenhos para exprimir graficamente o pensamento dito ortograficamente, um índice de plantas e animais citados e seus respectivos nomes científicos” (RIBEIRO, B. 1995, p. 2)<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Renato Athias é correspondente de Berta. As cartas dele estão no dossiê BGR ac ca 1979.02.10. Nessa correspondência trata-se exclusivamente de assuntos acadêmicos; nem mesmo as circunstâncias em que os dois se conheceram podem ser recuperadas.

<sup>7</sup> Texto não foi publicado. Encontra-se no dossiê BGR pi 1995.00.00/2.

A correspondência mantida com diversos índios dessa aldeia, com a antropóloga Dominique Buchillet que aí trabalhou e com os padres Casimiro Beksta e Francisco Knoblock revelam questões vividas no campo que não aparecem nos trabalhos publicados e nos relatórios de pesquisa, nem mesmo no livro *Diário do Xingu*, onde a preocupação com o rigor acadêmico é deixada de lado<sup>8</sup>. As críticas do padre Casimiro a esse livro e ao guia da exposição *Os índios das águas pretas* também pode ser verificada na correspondência, bem como diversos aspectos das relações afetivas e profissionais que se consolidaram entre Berta e os integrantes da Família Lana, iniciadas com a publicação de “Antes o mundo não existia”. Berta atuou como agente literária, numa prática que conhecia bem, e buscou viabilizar a publicação do livro em outros idiomas<sup>9</sup>, articulando não apenas os conhecimentos que possuía devido a sua prática no agenciamento dos livros de Darcy Ribeiro e no seu trabalho na Editora Paz e Terra, mas recorrendo também ao auxílio e apoio de colegas, como Beth Meggers, da *Smithsonian Institute*, e Angel Rama, crítico literário uruguaio que publicou resenha sobre o livro no capítulo *La trace des indiens d’Amazonie dans la littérature brésilienne* e no livro *Transculturación narrativa em América Latina*<sup>10</sup>. Além disso, ela também cuidou do recebimento e encaminhamento do pagamento pelos direitos autorais aos índios. Posteriormente, convenceu Luiz Lana a concorrer ao Prêmio Iberoamericano Bartolomeu de Las Casas, bem como estimulava a utilização desse livro nas escolas de São Gabriel da Cachoeira.

Berta auxiliou não apenas Luiz, mas toda a sua família, em diversas ocasiões. Em 1984, a antropóloga fez a mediação entre Feliciano Lana e o curador Mark Munzel para viabilizar o empréstimo dos desenhos do índio para ilustrarem exposição etnográfica em Frankfurt e também para um simpósio organizado pela *Smithsonian Institute*<sup>11</sup>. Também tratou dos aspectos burocráticos referentes ao despacho dos desenhos para o exterior. Procurada por museólogos do Museu Etnográfico de Berlim, intermediou a cessão de fotos e desenhos em guache de Feliciano e Luiz Lana para integrarem uma exposição sobre a criatividade dos índios da Amazônia e a publicação de um catálogo e um livro em alemão com os guaches ilustrativos da lenda “O começo antes do começo”. Em 1991, intermediou o empréstimo desses desenhos e a visita dos índios a Estocolmo para palestrarem durante uma exposição montada em museu local<sup>12</sup>.

O papel atribuído aos museus, e por consequência à divulgação da mitologia indígena, cumpre um papel educativo e político na opinião de Berta G. Ribeiro, como se pode depreender da apresentação que faz ao projeto do Museu do Índio de Brasília<sup>13</sup>. Nesse

<sup>8</sup> O padre Casimiro Beksta critica os livros *Diário do Xingu* e o guia da exposição *Os índios das águas pretas*. Sua correspondência está no dossiê BGR ap ex 1980.08.31. A correspondência com o padre Francisco Knoblock está no dossiê BGR ap ex 1979.01.16 e com a antropóloga Dominique Buchillet, no dossiê BGR ap ex 1980.04.13.

<sup>9</sup> O livro de mitos Desâna foi publicado na Itália, em 1986, com o título *Il ventre del Universo*.

<sup>10</sup> A série Publicações possui diversos dossiês que tratam das articulações de Berta com editoras nacionais e estrangeiras acerca da publicação do livro “Antes o mundo não existia”.

<sup>11</sup> BGR mu 1984.08.14, num total de 19 documentos e 27 folhas.

<sup>12</sup> As cartas trocadas com Elisabeth Haglung estão no dossiê BGR mu 1991.09.05 e perfazem um total de 47 documentos e 57 folhas.

<sup>13</sup> Documentação referente a esse museu encontra-se no dossiê BGR mu 1977.10.07.

texto, ela declara sua vinculação à diretriz dada por seu ex-marido ao projeto original do Museu do Índio do Rio de Janeiro, na Rua Mata Machado, em São Cristóvão, em 1954, que é a de

criar um museu voltado mais para a compreensão humana que para a erudição etnográfica [...] com o propósito de desmascarar os preconceitos mais correntes sobre os índios, contrapondo-lhes fatos que patenteiam sua falsidade”<sup>14</sup>.

Seu interesse pela área da museologia responde, portanto, a preocupações éticas, além de estéticas, que se alimentam mutuamente, e que acompanharam a antropóloga durante toda a sua vida.

Na década de 1990, ela ajudou Luiz Lana a formular o projeto de criação do Museu Maloca Indígena do Rio Tiquié, bem como tentou viabilizar recursos e apoio da Universidade Federal do Amazonas, da Fundação Mata Virgem e da Fundação Ford. O projeto desse museu resulta da experiência do Museu Maguta, um museu tribal destinado a promover e preservar a cultura dos índios Ticuna, situado em Benjamin Constant, localizada na confluência dos rios Javari e Solimões, próximo à fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia, como relata Bessa (1988, p. 14):

[o museu Maguta] possibilitou que índios e não-índios entrassem pela primeira vez em um museu. Mostrou às lideranças indígenas de todo o Brasil a força que pode ter um museu para reafirmar a identidade de uma etnia e para modificar a imagem que os brasileiros têm sobre os índios. E despertou em muitos grupos indígenas, que tomaram conhecimento de sua existência, a vontade de criar novos museus tribais, como é o caso dos Guarani, que vivem nas aldeias situadas em Angra dos Reis e Parati (RJ), e dos Desana da aldeia São João, no rio Tiquié, alto rio Negro (AM).

Berta parece ter feito de seu trabalho a razão de sua vida. Separada do marido e sem filhos, ela “adotou” os Desâna, como constantemente dizia à amiga Maria Stella Amorim (*in* VIANA, 2009, pág. 4):

Eu não posso ser judia, porque não tenho religião.... Não tenho família, nem marido, nem filhos. Sou sozinha. Só tenho mesmo meu trabalho com os índios. Devo a eles o que sou.... Eu me sinto Desâna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns arquivos pessoais de cientistas permitem ao pesquisador um mergulho nas condições sociais de produção da pesquisa, mostrando os percalços encontrados, as articulações com os pares e as instituições que viabilizam o trabalho do pesquisador, bem

<sup>14</sup> Páginas 1 e 2 do original datilografado do texto “Um museu em luta contra o preconceito”, integrante do dossiê DR i spi 1951.12.27.

como a receptividade de sua obra pelo público, tornada visível a partir da correspondência recebida.

Pesquisar um arquivo pessoal torna-se quase imperativo para o pesquisador interessado nos bastidores da pesquisa. O arquivo de Berta Gleizer Ribeiro fornece inúmeras possibilidades de pesquisa, não apenas para pesquisadores interessados na história da antropologia e da museologia, mas para pesquisadores interessados na temática indígena e/ou na relação do antropólogo com as comunidades pesquisadas. Nosso objetivo foi apresentar ao público a riqueza do material disponível no Memorial Darcy Ribeiro, e optamos selecionar, dentre as inúmeras possibilidades, a relação que a antropóloga estabeleceu com os museus, que não são o campo original de sua formação, mas foi um campo ao qual acabou por se vincular, como consequência e/ou desdobramento do seu objeto de pesquisa e das funções e projetos de pesquisa que desempenhou ou desenvolveu nos museus em que trabalhou. Essa opção é subjetiva, em primeiro lugar, como toda opção por um projeto de pesquisa, e advém da relação afetiva que estabelecemos com o titular do arquivo com o qual durante meses se fica envolvido.

#### DOCUMENTOS CONSULTADOS

Arquivo Berta Gleizer Ribeiro, BGR pi 1995.00.00/2, Memorial Darcy Ribeiro.

\_\_\_\_\_, BGR mu 1977.10.07, Memorial Darcy Ribeiro.

\_\_\_\_\_, BGR ap ex 1979.01.16, Memorial Darcy Ribeiro.

\_\_\_\_\_, BGR mu 1984.08.14, Memorial Darcy Ribeiro.

Arquivo Darcy Ribeiro, DR e ed 1956.06.22, Memorial Darcy Ribeiro.

\_\_\_\_\_, DR i spi 1951.12.27, Memorial Darcy Ribeiro.

#### CARTAS

ATHIAS, Renato. Arquivo Berta Gleizer Ribeiro: BGR ac ca 1979.02.10, Memorial Darcy Ribeiro.

BEKSTA, Casimiro. BGR ap ex 1980.08.31, Memorial Darcy Ribeiro.

BUCHILLET, Dominique. BGR ap ex 1980.04.13, Memorial. Darcy Ribeiro.

HAGLUNG, Elisabeth. BGR mu 1991.09.05.

#### REFERÊNCIAS

AMORIM, Maria Stella. Berta Ribeiro: Identidade Desâna. In: VIANA, Rachel. (2009). *Fazimentos*, n. 9, Fundação Darcy Ribeiro.

ARTIÈRES, Phillipe. Arquivar a própria vida. In: *Estudos Históricos*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 9-34.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

BESSA, José Ribamar. (1988). *Cadernos de Etnomuseologia*, n. 1. Os índios e o museu. Programa de Estudos dos Povos Indígenas. Departamento de Extensão/SR-3. Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

- BRASIL. Lei 8.159. *Diário Oficial da União*. Brasília, 08 de janeiro de 1991.
- CORRÊA, Mariza. (2003). *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- DURANTI, Luciana. Registros Documentais Contemporâneos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 49-64, jan./jun. 1994.
- HEYMANN, Luciana Quillet. (1997). Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 19, p. 41-66.
- McKEMMISH, S. (2013). Provas de mim... Novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Jöelle; HEYMANN, Luciana (org.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 282p.
- MENDONÇA, Ana Waleska P. C. (2000). *A universidade no Brasil*. In: *Revista Brasileira de Educação*, número 14, maio-agosto 2000, ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: Editora Autores Associados, p. 131-150.
- VENANCIO, Giselle Martins. (2001). Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro nº 28, p. 23-47.
- VIANA, Rachel. (2009). *Fazimentos*, n. 9, Fundação Darcy Ribeiro.
- RIBEIRO, Berta Gleizer. *Etnotexto: 15 anos de 'Antes o mundo não existia'*. Fundação Darcy Ribeiro, Arquivo Berta Gleizer Ribeiro, série Produção Intelectual, dossiê BGR, pi 1995.00.00/2.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário do Artesanato Indígena*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1988.
- RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta Gleizer. *Arte Plumária dos Índios Kaapor*. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1957.
- \_\_\_\_\_. *Diários Índios: Os Urubu-Kaapor*. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1996 (1ª edição).
- SOUZA, Candice Vidal e. A documentação do antropólogo Marcos Magalhães Rubinger e os vestígios da pesquisa e do ensino de antropologia nos anos 1960 in TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Jöelle e HEYMANN, Luciana. (2013). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. FGV Editora: Rio de Janeiro.

### **Ellen Cristine Monteiro Vogas**

Cientista social, mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenadora de projetos da Fundação Darcy Ribeiro.